

A intensidade do trabalho na cadeia produtiva da soja de Ijuí/RS

The intensity of work in the soy production chain of Ijuí/RS

Marcos Paulo Dhein Griebeler

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Resumo: O artigo debate as transformações que a “modernização” trouxe tanto para a agricultura como para a indústria, tendo-se como foco a cadeia produtiva da soja, existente em Ijuí/RS. Primeiramente, tem-se uma breve análise sobre o papel do trabalho na sociedade contemporânea. Em termos de procedimentos metodológicos, os mesmos estiveram baseados em Triviños (1987) e Gil (2002). Quanto aos agentes sociais selecionados, foram questionados 56 produtores de soja, entrevistados dois gestores da empresa SOJA S/A e ainda realizado um questionário com 33 trabalhadores desta mesma organização. Na análise prática, constatou-se que os proprietários das lavouras de soja vêm destinando tanto uma maior adição de insumos químicos como mais tempo para o planejamento em razão da substituição da mão-de-obra pelas máquinas, resultados práticos da tecnologia. No trabalho urbano relacionado à Cadeia Produtiva da Soja, o grau da presença da intensidade do trabalho na empresa pesquisada se expressava pelos turnos de trabalho, aleatórios e prolongados, o que comprova a hipótese que a inserção da tecnologia gera mais trabalho ao assalariado. Em seguida estão os elementos que expressam o porquê da inserção de novas tecnologias e seu impacto no cotidiano tanto dos produtores de soja como dos trabalhadores do segmento industrial ligado à Cadeia Produtiva da Soja do município analisado. Por último, estão as considerações finais acompanhadas de sugestões para a verificação da intensidade do trabalho em outros setores econômicos e também integrantes da sociedade contemporânea que vive do trabalho.

Palavras-Chave: Tecnologia; Cadeia produtiva; Intensidade do trabalho.

Abstract: The article discusses the changes that the "modernization" brought both for agriculture and for industry, and is focused on soybean production chain, existing in Ijuí/RS. On the first, there is a brief analysis on the role of work in contemporary society. In terms of methodological procedures, they were based Triviños (1987) and Gil (2002). As for social agents selected, 56 were questioned soybean producers, company managers interviewed two SOY S/A and also conducted a questionnaire with 33 employees of the same organization. In practical analysis, it was found that the owners of soybean crops are allocating much greater addition of chemical inputs such as more time for planning due to the replacement of hand labor by machinery, technology practical results. In urban work related to Soybean Production Chain, the degree of presence in the work intensity was expressed by the company researched work shifts, random and prolonged, confirming the hypothesis that the insertion of technology generates more work to the employee. Following are the elements that express why the insertion of new technologies and their impact on daily life of both soybean producers and workers in the industrial segment connected to Soybean Production Chain analyzed the municipality. Finally, the concluding remarks are accompanied by suggestions for checking the intensity of work in other industries and also members of contemporary society living labor.

Keywords: Technology, Supply chain; Labor intensity.

JEL: J21; Q11

Introdução

Possuir elementos que caracterizem uma determinada organização ou propriedade rural como sendo moderna remete em uma primeira instância a um conjunto de experiências realizadas pelos indivíduos com o intuito principal de transformar a realidade por intermédio da tecnologia. Seus resultados podem ser representados pela produção de bens e de serviços, o que impulsiona as relações sociais de troca. Em razão disso, o processo produtivo capitalista modifica o cotidiano das pessoas em razão das necessidades geradas por esta atividade. Como resultado, ocorre uma diferenciação social pelo trabalho.

Considerado como o fundamento da sociabilidade humana, o trabalho em si pressupõe um conhecimento concreto para sua execução e enquanto prática social trata-se de uma atividade exclusivamente pertencente ao homem. Trata-se de uma característica teleológica, na qual o ser social possui em sua consciência que é preciso trabalhar para conseguir seu sustento. Pode ser então considerado como uma necessidade realizar uma atividade para receber em troca o valor da venda de sua força de trabalho. Sua caracterização possui diferentes níveis: autônomo, assalariado, cooperativado ou liberal. Em qualquer que seja o tipo, ele é realizado por pessoas.

Trabalho e desenvolvimento possuem uma relação direta e interativa. A própria distribuição regional do trabalho no Brasil faz com que as desigualdades sejam percebidas, o que significa dizer que existe um desenvolvimento desigual no país. A razão pode ser expressa, como exemplo, pela realização de uma atividade em um determinado segmento, porém, com uma remuneração diferente de uma região para outra, tal como já fora observado por Furtado (1974, p.238). Os desequilíbrios podem ser elementos fundamentais para que sejam identificados os tipos de desenvolvimento existentes em determinada região ou município. Ele pode ser convergente, a partir do momento em que apresenta taxas positivas – além da média nacional ou então, de maneira deficitária, em caráter divergente se registram percentuais negativos de aspectos que visam melhorar as condições de vida de uma determinada região (KON, 1998, p.74).

Contudo, a sociedade contemporânea que vive do trabalho, inserida em um contexto competitivo, para que consiga atingir o desenvolvimento esperado deve possuir, a partir das atividades profissionais, uma efetiva participação nas decisões que condizem ao seu funcionamento. O desenvolvimento, então, tanto de caráter local, regional ou geral demanda a criação de “ferramentas de participação nas decisões e nas atividades da vida cotidiana, especialmente as profissionais, desabrochando com nitidez uma nova perspectiva de viver a cidadania e as identidades” (GEHLEN, 2006, p. 269).

A introdução de novas tecnologias e de novas formas de organização do trabalho nas indústrias acabou por intensificar ainda mais o trabalho dos assalariados. A intensidade do trabalho se aplica ao contexto do trabalhador a partir do momento em que ele passa a canalizar mais forças para a realização de tarefas em seu ambiente ocupacional. O substantivo “intensidade” provém do verbo latino *intendere*, que, composto pela proposição *in* mais o verbo *tendere*, geram a palavra que significa algo teso, estendido, e dentro de uma linguagem militar, quer dizer fazer esforço, combater, lutar, esforçar-se por.

Em termos quantitativos a intensidade laboral remete à idéia de aumento na carga de trabalho, em termos qualitativos, o aumento no esforço cognitivo e emocional do assalariado. No que concerne à medida do tempo de trabalho, ou seja, de como se apresenta seu desempenho (T1 – T2), a mesma pode ser mensurada pela jornada de trabalho, pelo dia, pelo mês, pelo ano ou da melhor forma que se adequa à determinada pesquisa (DAL ROSSO, 2008, p. 94-95).

Em razão da busca por uma maior eficiência e por uma maior produtividade, os resultados em termos de condições físicas, psíquicas e emotivas são secundarizadas ou ignoradas. Altera-se tanto o modo de produção no meio rural como o funcionamento do mercado de trabalho urbano. Diante disso, expõem-se a seguir os atores selecionados e os princípios metodológicos que nortearam o presente artigo.

2. Elementos Metodológicos para a Verificação da Intensidade do Trabalho na Cadeia Produtiva da Soja em Ijuí/RS

No que concernem os aspectos metodológicos em termos de método e técnica de abordagem que nortearam este estudo, ambos estão baseados em Triviños (1987) e Gil (2002), iniciando-se pelo método escolhido e pela composição dos instrumentos de pesquisa aplicados aos produtores de soja, aos gestores da empresa beneficiadora da soja e aos trabalhadores desta organização.

Como se trata da interrelação de fatores correlatos – tecnologia, organização, conteúdo e sobrecarga de trabalho – entende-se que existe aqui uma parte da pesquisa que inclui uma questão dialética dos processos. Apesar de não estar em uma totalidade, o uso da tecnologia gera uma contradição (facilidade de execução *versus* sobrecarga de trabalho) visível, porém, até então pouco explorada. Entende-se que a contradição está no pensamento de que com a tecnologia, tanto a organização do modo de trabalhar como o trabalho em si é facilitado.

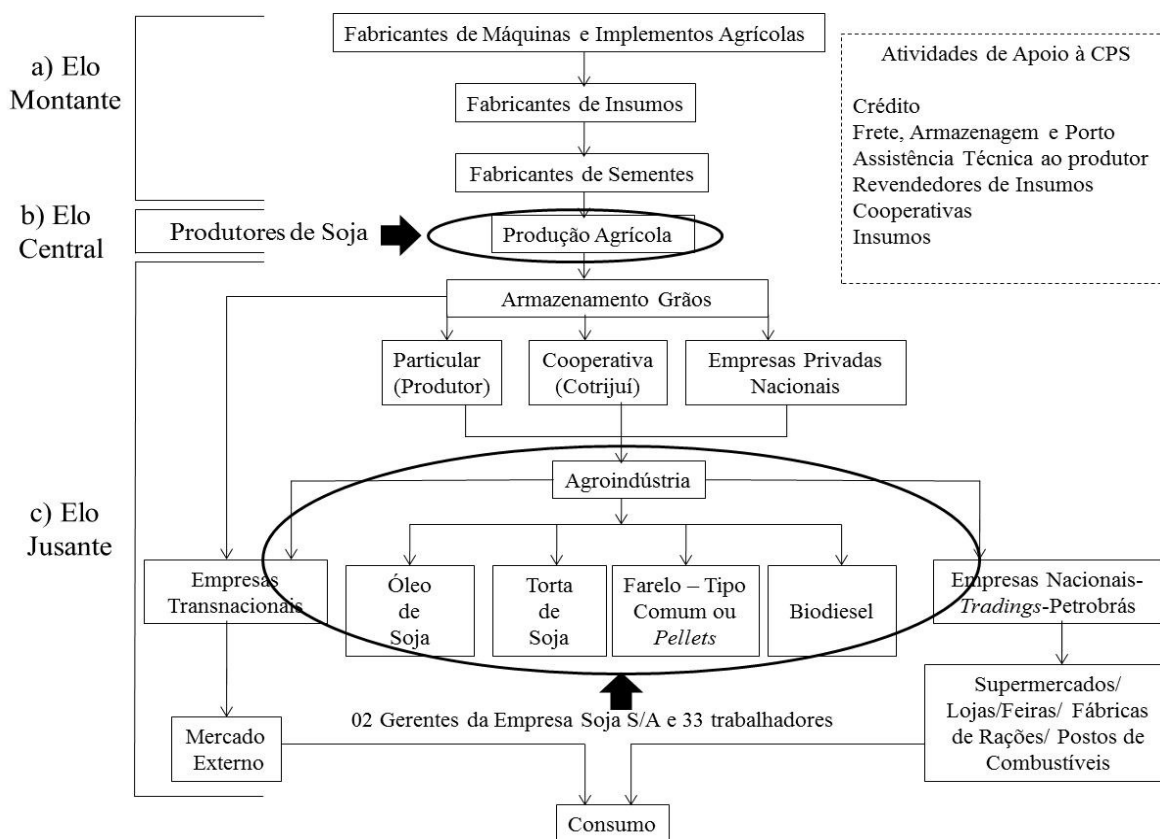
Porém, não se leva em consideração o ritmo de trabalho, muito menos a velocidade de como são realizadas as atividades a partir da incorporação de tecnologias em seu cotidiano. Cria-se, então, uma nova relação social. Enquanto que o produtor visa aumentar sua produtividade com o apoio de tecnologias específicas para a lavoura de soja, as empresas inseridas em um contexto competitivo, precisam se adequar às demandas, modificando seu ambiente interno. Com tal mudança, cabe ao trabalhador se adequar a um novo ritmo de trabalho, uma nova imposição de cumprimento das atividades.

Gil (2002) observa que a dialética trata de contradições encontradas pelo pesquisador e geram origem a novas contradições que requerem uma solução, resultante de uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que os fatos não podem ser considerados como exclusivos do contexto social, político e econômico. Estudar esta relação condiz com a verificação da *práxis* social, ou seja, exercita-se uma reflexão sobre as atividades que os homens executam.

Sobre o universo da pesquisa, a população condicionada a esta seleção diz respeito ao trabalho em nível rural e urbano, seja ele quando executado pelos 56 produtores de soja selecionados aleatoriamente, ou então, pelo total efetivo de 33 empregados registrados na empresa SOJA S/A¹, sendo esta última ligada à cadeia produtiva da soja em Ijuí/RS. Nesta empresa, foram ainda colhidas com dois gerentes da mesma, algumas informações sobre o modo e a organização do trabalho a partir da introdução de novas tecnologias. A fim de melhor ilustrar o ambiente de pesquisa, bem como a localização de cada um dos agentes sociais selecionados, tem-se a seguir a estruturação da Cadeia Produtiva da Soja e a indicação do local de cada um dos entrevistados/questionados (Figura 01).

¹ Nome fictício da empresa pesquisada.

Figura 01 – Localização dos participantes para a pesquisa dentro da CPS de Ijuí/RS



Fonte: Elaborado pelo autor.

De uma maneira ou de outra, a tecnologia está presente no atual contexto (CASTELLS, 2000). Todas as transformações acabam por interferir diretamente no desenvolvimento econômico e social, seja pelo modo de produção como pela gestão do trabalho. O sistema imprime uma nova realidade que expressa a necessidade de adequação daquilo que é demandado em termos de produção de bens e de prestação de serviços.

Trata-se da adoção de uma crença que supera a realidade dos agentes sociais. Tal como na cidade, no campo a tecnologia também se faz presente nas atividades de preparação, de plantio e de acompanhamento da lavoura de soja. Com isso, tem-se a seguir os apontamentos realizados e encontrados a partir dos dados coletados e que ilustram o impacto das tecnologias modernas a estes agentes sociais do município de Ijuí/RS.

3. A Intensidade do Trabalho na Cadeia Produtiva da Soja em Ijuí/RS

O uso da tecnologia, por opção de uso, se traduz pela necessidade de uma adequação às exigências que o sistema capitalista impõe aos atores sociais. Seus impactos podem ser sentidos de uma maneira não uniforme, o que sugere que a intensidade do trabalho se manifesta em diversos segmentos e também com diferentes níveis de aplicação. A adoção de uma determinada tecnologia,

considerando-se suas consequências, depende diretamente da relativização dos grupos que dela irão se valer a fim de atingir seus objetivos.

Entretanto, em razão da ampliação dos mercados com a globalização econômica isto trouxe uma alteração nos modelos produtivos e de gestão nas organizações com atividades relacionadas, por exemplo, como no beneficiamento da soja. Este resultado acaba alterando não apenas as organizações como também toda a sociedade, interferindo no desenvolvimento econômico, social e ambiental do município de Ijuí e suas adjacências.

Portanto, o trabalho é uma variável independente que demanda a necessidade de pessoas para a concretude do mesmo, o suprimento de seu sentido de realização, seja pela organização intelectual ou então pela atividade de execução. Isto mobiliza a região e aquele que opta em realizar alguma atividade espera também obter um retorno econômico, resultado da vigência do sistema capitalista.

Como o foco do estudo se concentrou em dois elos da CPS de Ijuí/RS (Elo Central – Produtor Rural e Elo Jusante – Indústria) entende-se que a utilização da tecnologia, enquanto produto social resultante das necessidades geradas pelos indivíduos e pelas organizações significa um elemento que é introduzido e incorporado ao cotidiano das atividades produtivas. Se sua utilização condiciona e demanda uma readequação de um modelo diferente do anteriormente executado, isto revela o caráter transformador que o não uso transpassa a idéia de atraso, de obsolescência ou ainda de desqualificação para o trabalho assalariado.

A utilização da tecnologia não consegue revelar de maneira explícita os resultados sofridos por seus executores. Em uma parte da cadeia a obtenção de maiores volumes de produção pode solapar a intensificação da carga de trabalho no campo. Ela pode, então, ficar em segundo plano ao ser considerado como uma necessidade de sobrevivência trabalhar mais para obter um maior resultado, mesmo que isto seja em um curto espaço de tempo (safra). A inserção da tecnologia tanto no meio rural como urbano depende de variáveis exógenas e endógenas, que são também correlatas para seu funcionamento, as quais impõem também uma necessidade de readequação no processo produtivo.

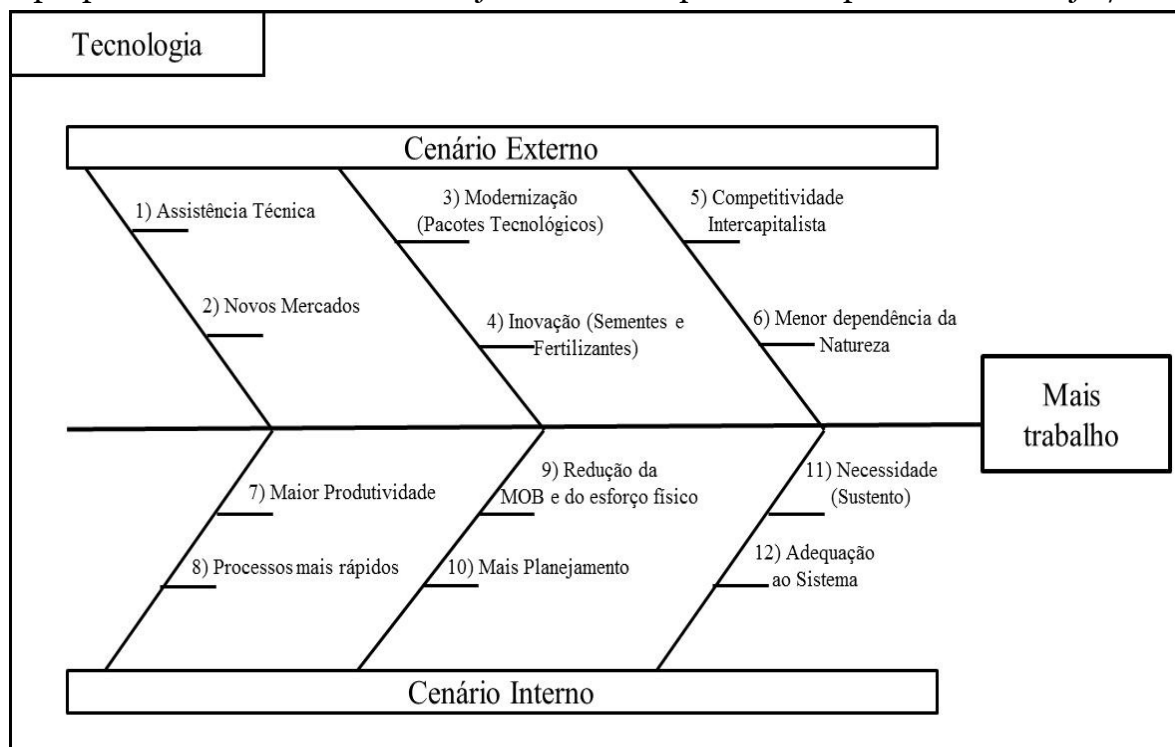
Cabe ressaltar que não existe nenhuma tecnologia que possa se impor a toda a sociedade, mas existem “pelo contrário, grupos sociais que têm o poder suficiente para determinar as opções tecnológicas e grupos que não podem senão adaptar-se a elas ou combatê-las” (ENQUITA, 1991, p.41). Significa, então, uma nova forma de dominação e de alteração nas relações sociais. O tempo livre é ocupado por mais trabalho, composto por distintos fatores que alteram as próprias necessidades criadas dentro do sistema capitalista. Isto torna a vida do produtor rural ou do assalariado sem sentido, sem um tempo verdadeiramente livre e liberto do trabalho (ANTUNES, 2009).

O sentido é expresso pela necessidade de buscar meios para a sobrevivência e para a adequação aquilo que é exigido (mais resultados em menos tempo). Isto pode ser sentido em diferentes graus de intensidade e em distintos momentos de tempo e se manifesta explicitamente, ou então, de maneira estranhada por quem trabalha com aparatos ou elementos químicos, os quais alteram seu cotidiano, visto agora como “moderno”. Mesmo ocorrendo menor concordância em qualquer um dos âmbitos estudados, o resultado positivo já dá indícios de que processos alterados são executados diferentemente do habitual.

Um ponto, contudo, é patente e comum: seu uso interfere na maneira de organizar tanto o modo como o conteúdo do trabalho, assim como o próprio

funcionamento da sociedade que destes elos depende sua continuidade. Por primeiro, e com base na pesquisa empírica, entende-se que existe um conjunto de variáveis que interferem e interagem no meio rural da CPS de Ijuí/RS, os quais são expostos na sequência (Figura 02).

Figura 02 – Fatores externos e internos que influenciam a adoção da tecnologia nas propriedades cultivadas com soja e sua consequência aos produtores em Ijuí/RS



Fonte: Elaborado pelo autor.

O uso da tecnologia aplicada aos produtores de soja é entendido aqui como sendo composto por 12 elementos em razão do que fora coletado na pesquisa de campo. Inicialmente, observa-se que a alteração nos processos produtivos se dá por meio de uma imposição externa para a inserção de um gradativo uso de melhorias tecnológicas. Isto acontece, por primeiro, pela (1) assistência técnica, representada pelos técnicos da EMATER, ou então, de outras organizações especializadas nesta atividade.

Trata-se de uma modificação que envolve o produtor com outros agentes, em especial, pelas pesquisas que são desenvolvidas (sementes melhoradas). Isto se deve pela exigência dos (2) novos mercados que surgem em razão da globalização econômica. Com eles, aparecem os principais elementos que modificam o meio rural, representados pelos (3) pacotes tecnológicos, os quais, conforme Brum (1983) são caracterizados por corporações internacionais que incentivam a pesquisa, a fim de que tais experimentos sejam incorporados ao cotidiano das plantações de soja. No caso pesquisado, o plantio direto é seu principal representante.

Dentre estas melhorias, algumas modificadas cientificamente, existe uma alteração no uso dos insumos. A (4) inovação na lavoura de soja se expressa pelo crescente uso de sementes e de fertilizantes nestas áreas de terra cultivadas com o grão. Tem-se uma “destruição criadora” (SCHUMPETER, 1982) aplicada ao contexto rural. Este elemento se justifica como fator preponderante para a crescente

ampliação de itens melhorados no campo, representado pela (5) competitividade intercapitalista que se estabelece a partir do momento em que a unidade rural passa a ser vista como um espaço produtivo, com vista a se ter lucro e, por extensão, demandar tecnologia “de ponta” a fim de se diferenciar das demais propriedades. Existe, então, uma cisão entre a concepção e a execução. Em razão disso, “a consciência tecnológica obscurece a consciência política, preconizando a separação entre o sujeito que pensa e os instrumentos que este utiliza para se instrumentalizar na realidade” (CRUZ, 2000, p. 187).

Este acirramento acaba fazendo com que não apenas o grande produtor tome a decisão de “modernizar” seus processos produtivos. O minifundiário também se influencia ou então é forçado a se valer de tais melhorias. O uso de aparatos sofisticados e de elementos elaborados geneticamente faz com que no cotidiano de uma unidade cultivada com soja, a natureza seja considerada como um composto secundário, onde a crença supera a realidade. Acontece, então, uma reconfiguração do espaço dedicado à soja. Ele se torna menos (6) dependente dos efeitos edafoclimáticos, porém, condicionado ao uso de adubos em uma quantidade gradativamente maior e que denota a ideia de que se cria um passivo ambiental, a começar pelo desmatamento, que modifica a paisagem como pela própria extinção de abelhas, responsáveis pela polinização das plantas e as primeiras a serem atingidas por tal ação.

Contudo, outros elementos interferem e modificam o contexto das propriedades cultivadas com soja. Ou seja, existem aqueles que são exercidos dentro desta unidade produtiva. Verifica-se, então, que em razão do cenário externo (itens 1 a 6), ocorre a busca de modificações de aumento dos itens agricultáveis, ou seja, tem-se como propósito uma (7) maior produtividade, a qual é viabilizada por (8) processos mais rápidos, os quais podem ser realizados por máquinas e equipamentos dotados de piloto automático ou por *softwares* de gestão rural.

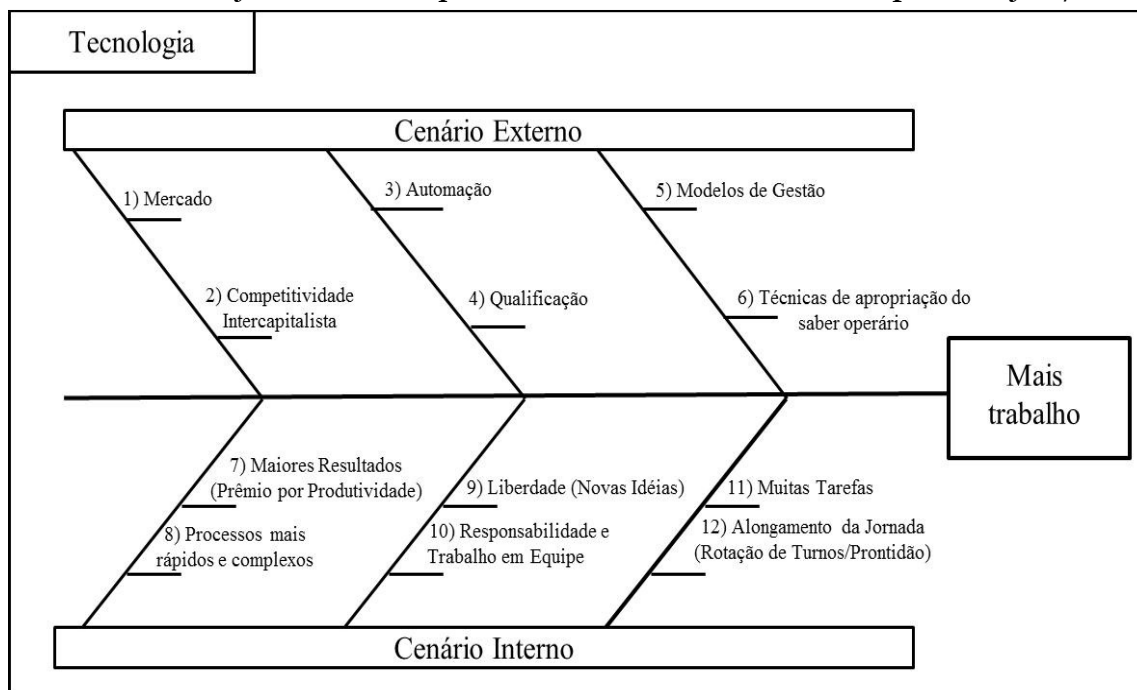
Entretanto, ao mesmo tempo em que facilidades chegam ao meio rural, isto também ocasiona a (9) redução da mão-de-obra, seguida do esforço físico. Desta maneira, acontece uma modificação no plano produtivo a partir do momento em que máquinas substituem os trabalhadores, forçando os mesmos a se adequarem à nova realidade. Contudo, estes produtores de soja admitiam ainda que com o uso da tecnologia, atualmente em suas propriedades era necessário haver (10) mais planejamento, a fim de não comprometer todo o processo produtivo. Não se possuía, então, mais tanto tempo livre (um produtor afirmou que estava “*sem tempo de passear nos vizinhos*”). Verificou-se ainda, que isto se dá em função da (11) necessidade de se manter na condição de sojicultor, com o propósito de se garantir o sustento familiar. São os resultados nas novas ideias incorporadas ao cotidiano da lavoura e da aplicação do saber assim com da substituição do homem pela máquina. Isto reflete que a imposição advinda do cenário externo significa uma (12) adequação ao sistema vigente.

Nota-se que o produtor se depara com um novo cenário: a modernização resulta em uma transformação não apenas nas áreas cultivadas como nos processos produtivos. Isto significa aos mesmos uma consequência: mais trabalho. Seja ele heterônimo, cooperativado, independente ou assalariado, observa-se que no meio rural a tecnologia metaboliza o processo de trabalho e seu respectivo conteúdo. Novas técnicas se tornam imposições adjacentes e consideradas como essenciais para a modernização dos processos produtivos da soja. Seja pela pressão externa ou ainda pela necessidade de aumentar a produtividade com vista a uma maior rentabilidade

em suas áreas agricultáveis, os produtores ponderam que trabalhar com tecnologia é algo necessário no atual contexto. A automatização é a condição básica para isso.

Com sua adoção, inicia-se um processo de desqualificação programada, o que demanda dos produtores a participação em cursos que os deixam cientes de que somente operando com a tecnologia é que resultados maiores podem ser obtidos. Porém, isto subjuga seu efeito direto em suas atividades produtivas. Trata-se de um modelo de alienação e de estranhamento que interfere no entendimento de que conforme o uso a tecnologia não apenas reduz o trabalho como intensifica o mesmo, refletindo uma nova configuração existente no município de Ijuí/RS. Isto se aplica também ao meio urbano, conforme pode ser visto na sequência (Figura 03).

Figura 03 – Fatores externos e internos que influenciam a adoção de tecnologias no beneficiamento da soja e sua consequência aos trabalhadores da empresa Soja S/A



Fonte: Elaborado pelo autor.

No plano urbano, a utilização da tecnologia também oferece uma síntese da pesquisa empírica. Como no meio rural, fatores externos também exercem forças de alteração no cotidiano ocupacional dos trabalhadores que laboravam na empresa beneficiadora da soja. Verifica-se que atualmente se impõe uma sistemática de adequação à realidade, muito em razão da intensificação das transações comerciais realizadas, as quais possuem como mote principal ampliar e consolidar a participação da empresa pesquisada em seu (1) mercado de atuação. Como observa Enguita (1991, p.230-231), o uso da tecnologia significa o resultado "natural" da ciência em uma sociedade na qual se busca o lucro empresarial.

Como fator participante, no que se refere ao uso da tecnologia nos processos produtivos, não se pode descartar a possibilidade de outras organizações também se especializarem no mesmo segmento, incentivando, desta maneira, uma (2) competitividade intercapitalista, resultado da reestruturação produtiva que vem ocorrendo desde a década de 1970 (POCHMANN, 2010). Isto demanda uma (re)qualificação tanto das empresas como dos próprios trabalhadores.

A partir disso, inicia-se, como observa Enguita (1991) um processo de desqualificação em razão da efemeridade dos processos que envolvem a variável tecnológica. No encadeamento deste sistema, observa-se que o aperfeiçoamento dos processos nessas organizações pode ser caracterizado por modificações em suas plantas fabris, principalmente pela inserção da (3) automação a fim de garantir a continuidade da organização. A partir desta alteração, exige-se novamente uma readequação do trabalhador, na qual ele precisa agora ampliar seus conhecimentos sobre o funcionamento da maquinaria. A (4) qualificação continua sendo considerada pelas empresas como a condição *sine qua non* do mercado de trabalho atual.

Tanto a própria decisão de modernizar a indústria assim como definir a maneira e o conteúdo do trabalho se referem ao (5) modelo de gestão (Taylorista – controle/STP – liberdade, muitas tarefas e criatividade) que a empresa adota para realizar suas atividades produtivas. Em termos práticos e considerando-se a melhoria das atividades laborais, isto acontece pela (6) aplicação de técnicas de absorção do saber operário (ROSENFELD, 2004). A continuidade de uma organização não depende somente da automação, mas também do aprimoramento dos processos produtivos, os quais são alterados com a contribuição dos empregados.

Com base em Faria (1992), tem-se, então, o exercício da tecnologia de gestão, presente em diversos tipos de organizações, nas quais pode receber diferentes denominações como é o caso do Plano de Participação nos Lucros e que possui em seu bojo o intuito de maiores resultados efetivos para a empresa, tanto pelas afirmações dos 02 gestores como dos 33 empregados participantes da pesquisa.

No cenário interno da empresa pesquisada acontece a busca por (7) maiores resultados. Isto reflete e reforça que o intuito principal condiz com a lógica do mercado: mais produtividade movida por maior participação e envolvimento do trabalhador (POCHMANN, 2007). Com a busca pela ampliação dos resultados, gradativamente, existe uma aceleração no ritmo e na velocidade. Ou seja, são incorporados (8) processos mais rápidos e complexos, acelerando a realização das atividades laborais.

Como elemento adicional, a possibilidade do empregado possuir (9) liberdade para opinar sobre melhorias no processo de trabalho, revela que novas ideias são incentivadas pela gestão da empresa. O novo contexto expressa um mecanismo que procura dar uma condição de autonomia ao empregado, sem que ele perceba que suas propostas, uma vez adotadas podem resultar na alteração tanto em seu próprio conteúdo como na maneira do mesmo trabalhar.

Dentro destas modificações, o processo de trabalho exige agora do empregado atributos coletivos e individuais, a fim de que tanto a produção não sofra paradas consideradas como desnecessárias, como também seja executada de maneira que todos os envolvidos sintam-se pertencentes ao processo e à organização. Tem-se uma incorporação de um código de conduta, uma ética empresarial que é adotada pelos trabalhadores, sendo manifestado pelos mesmos que para executar seu trabalho, isto exigia deles responsabilidade e trabalho em equipe.

O que complementa a tecnologia ao contexto da empresa beneficiadora de soja e que interfere no cotidiano dos empregados pode ser visto pela afirmação de que a modernização dos processos produtivos demanda à boa parte dos empregados participantes da pesquisa (11) muitas tarefas. Isto resulta, além de um maior envolvimento deles, também acaba fazendo com que os trabalhadores sejam incentivados a se adequar a este perfil, reforçado por um código de ética que condiciona a permanência dos mesmos na companhia pesquisada. Isto vem

acompanhado do (12) alongamento da jornada de trabalho, seguida do rodízio de dias de trabalho.

Seja pela afirmação de que era realizada a rotação de turnos como também a necessidade de permanecer de prontidão, uma vez que a empresa poderia chamar o assalariado a qualquer momento à empresa. Todo este conjunto de elementos que são impostos ao cotidiano dos empregados traz como resultado, assim como aos produtores de soja, mais trabalho. Independente de qualquer que seja o meio, verifica-se que a tecnologia impõe uma modificação no *status quo* da sociedade que vive do trabalho, alterando não apenas a forma como o entendimento de que o trabalho é indissociável de seu cotidiano.

Devido às mudanças sociais que ocorrem a partir de sua introdução, o trabalho também se metaboliza e passa a ser condição essencial para a manutenção de trabalhadores como seres produtivos. A readequação tecnológica transforma a maneira e o conteúdo dos afazeres laborais. A capacitação técnica significa adequar-se ao modelo, sem considerar, pela parte do detentor/empregador, o impacto ao cotidiano dos atingidos pela mudança nos padrões produtivos. Seja o trabalho exercido de modo autônomo (produtores de soja) ou assalariado (empregados), o que se pode perceber é de que o uso da tecnologia aplicado ao trabalho demanda elementos de planejamento, de organização, de controle, de separação de cargos para que a soja, enquanto mercadoria seja produzida e comercializada.

Em um cenário no qual o processo produtivo passa a comandar as transformações sociais, advindas das necessidades demandas por esta mesma sociedade, “provenham elas do estômago ou da mente” (MARX, 1983), como resultado adicional está a exigência por uma melhor performance na condução do trabalho. Isto se torna elemento de conexão entre a sobrevivência e a conformidade de que concentrar esforços físicos, cognitivos ou emocionais, mesmo que inconscientemente, se tornam condições programadas para perceber a realidade.

É dentro desta realidade que se observa o quanto do tempo livre é subtraído em razão de garantir a sobrevivência. Deste modo, mais trabalho significa prolongar não a vida, mas sim a continuidade do sustento. A necessidade de possuir uma atividade produtiva se trata de uma imposição do sistema para a sociedade que vive do trabalho, pois o trabalho é indeligiável do cotidiano laboral. Ou seja, o mundo produtivo não pode ser representado somente pelo ambiente de trabalho, mas também por todas as outras instâncias, sejam elas educacionais ou de lazer, as quais também se inter-relacionam e interferem no cotidiano dos trabalhadores.

Advindas às necessidades do mercado, estas condicionam as organizações a buscar inovações tecnológicas que, por extensão, aplicadas, transformam o cotidiano ocupacional dos indivíduos, sendo eles os principais atingidos com as mudanças tecnológicas. Trata-se de uma readequação dos processos produtivos, o que resulta em uma competitividade onde a qualidade das relações sociais é afetada. Altera-se o tempo do trabalho assim como a própria noção do que pode ser adquirido com a tecnologia (mais produção em menor tempo). Sejam os atingidos, proprietários de lavouras de soja ou então assalariados urbanos, a partir do momento em que entram em contato com os elementos dos modelos expostos, observa-se que os afazeres, para boa parte deles, são intensificados em diferentes graus de percepção (horas extras e alongamento da jornada – empregados/planejamento e novas técnicas de plantio – produtores de soja).

Dado este determinismo tecnológico, a valorização do executor de muitas tarefas acaba sendo invertida e passa a ser considerada como secundária ante as coisas que podem ser produzidas. Ser alguém na sociedade significa concretizar seus

objetivos por meio do trabalho. Contudo, a tecnologia, enquanto elemento manipulável das condições sociais pode ser também considerado como fator de racionalidade técnica. Com ela, tem-se a possibilidade de melhor organizar o modo e o conteúdo do trabalho. Ou seja, o impacto para a sociedade que vive do trabalho depende da maneira como ela é utilizada e de como ela interfere/modifica as relações sociais.

Esta decisão reflete o intuito maior de se diminuir a utilização dos recursos humanos e de priorizar as condições artificiais para o aumento da produtividade. Pela discussão exposta, a gestão da tecnologia nas lavouras de soja e na indústria de beneficiamento desta oleaginosa significa considerar o resultado final como aquele adequado aos seus propósitos e aquilo que demanda o mercado, atualmente, globalizado.

Afirmar que o *modus vivendi* sem a tecnologia seja algo inviável para a continuidade da sociedade contemporânea pode ser aquilo entendido como inaceitável ao senso comum. O complexo problema está em conseguir saber aplicar ao contexto, assim como saber distribuir em tempos certos a um número cada vez mais reduzido de pessoas uma possível readequação da carga de trabalho, sem prejudicar de maneira física, emocional ou cognitiva os trabalhadores do meio urbano.

No meio rural, o desafio maior reside em seguir na mesma linha, porém, levando-se ainda em consideração o impacto causado ao meio ambiente e também ao aumento de planejamento nas atividades produtivas, sendo que a monocultura da soja pode gerar impactos negativos sem uma diversificação efetiva da atividade agrícola. O que não se pode excluir da discussão é a consequência que a tecnologia traz a quem dela se vale ou a quem com ela trabalha.

Em um pensamento produtivo, ela é entendida como fator de rapidez, de facilidade e de diferencial ante aqueles que não a possuem. Em outra parte, com o modelo de gestão em que liberdade, responsabilidade e trabalho em equipe são elementos incentivados para o alcance dos objetivos, isto demanda mais forças por parte dos assalariados para a execução de suas atividades laborais onde a coisificação se sobressai sobre o real propósito do sentido do trabalho. Resultados distintos, porém, interligados pela tecnologia, refletem que a formulação dos respectivos modelos aplicados ao atual contexto traz impactos em diferentes graus, mas que possuem outro ponto em comum: o trabalho, agora intensificado.

A consolidação das relações sociais sem a sobre-exploração do ser humano significa se sociabilizar com um sentido de vida, e, principalmente, com o entendimento pleno da realização de um trabalho adequado as suas condições bio-psico-sociais. Contudo, o que se observa é o preenchimento do tempo livre, apesar de alterado, acontece de maneira a estruturar um conjunto de elementos que tendem a justificar a necessidade de sobrevivência e a reforçar a condição de dominação e de dependência.

Em suma, todo este cenário significa uma luta política que demanda dos trabalhadores a imposição de interesses e de forças sociais dominantes, as quais conseguem configurar a organização do trabalho de acordo com seus objetivos. O embate segue no cotidiano do trabalho, seja ele no meio urbano ou rural. A fim de realizar um resgate dos pontos estudados, tem-se a seguir, a conclusão do presente artigo.

Considerações finais

A intensidade do trabalho se revela como fator evidente de modificação das relações sociais existentes na cadeia produtiva da soja. Conforme exposto, entende-se que os modelos discutidos neste artigo podem servir de base para futuras pesquisas, tendo-se como foco principal a verificação das modificações das relações sociais a partir do uso da tecnologia. Seja no âmbito da educação, a partir da busca pela apropriação/junção dos conhecimentos obtidos e que são, conseqüentemente, aplicados ao trabalho, seja pelo tempo livre que vem sendo cada vez mais preenchido pelo trabalho, independentemente de qualquer que seja seu tipo.

Há de se ressaltar que a intensidade do trabalho pode ser ainda investigada a partir da introdução de aparatos sofisticados ao cotidiano laboral não apenas no meio rural e na indústria conforme exposto, mas também em outros segmentos urbanos tais como o comércio (lojas, *shoppings*, vendedores informais, etc.) e o setor de serviços (médicos, dentistas, bancários, etc.). Ademais, com relação à intensidade do trabalho, a busca pelo nexos causal relacionado às conseqüências da tecnologia nas atividades diárias pode ser uma tarefa difícil de ser identificada por meio de pesquisas, porém, destaca-se aqui sua relevância frente às mudanças nas relações de trabalho da sociedade contemporânea. Tanto no meio urbano como no rural, o uso da tecnologia reflete a possibilidade de melhorar a execução de processos.

No caso dos agricultores, tem-se a contradição gerada entre a condição de ser, simultaneamente, proprietário e operário da terra traz consigo uma nova relação social no meio rural. Esta situação dialética também é evidenciada na indústria que beneficia a soja em Ijuí/RS, conforme pode ser verificado pela dualidade entre a necessidade de trabalhar e de buscar sustento em outra atividade remunerada, muito em função da baixa remuneração oferecida pela empresa SOJA S/A.

A dependência e a conseqüente adequação da tecnologia traduz uma nova realidade e exerce um poder de dominação no qual sua não adoção significa atraso ou inoperância. Primeiro, aos produtores de soja, sendo uma condição imposta pelo capital (submissão às novas tecnologias) e não pelo seu trabalho executado. Em outras palavras, trabalhar na lavoura de soja com vista a uma maior produtividade é uma necessidade imposta pelo sistema capitalista e não uma atividade em si, única e isolada.

A adequação aos modelos impostos, resultado da competitividade intercapitalista, demonstra as inúmeras transformações que ocorrem nos afazeres dos trabalhadores a partir de sua adoção. Porém, a partir de sua aquisição, ela metamorfoseia a realidade e cria uma barreira entre o homem e seu significado sobre o verdadeiro sentido de existência. O que se leva em consideração é o resultado final, ou seja, o que é produzido (lavoura de soja) ou então o valor obtido no final do mês (remuneração). Sem possuir o sentido do trabalho, sua vida se torna alienada em razão das coisas por ele produzidas. Mais trabalho significa, então, criar além de mais-valia, replicar maiores impactos ao ser social por meio das “modernas” tecnologias. Isto somente reforça a dominação e a premissa de que o trabalho se torna indeligiável do cotidiano dos indivíduos que precisam vender sua força de trabalho ou os produtos oriundos do trabalho vivo.

Se a tecnologia reflete a busca por facilidade e por economicidade de mão-de-obra, de outra parte, isto não deve ser entendido como um conjunto de motivos determinísticos que eliminarão o trabalho vivo. O que deve ser considerado é a gestão da tecnologia, pois é a sua utilização que revela a maneira como se estrutura e se

organiza o modo de trabalho no atual contexto. Portanto, devem ser incorporados ao cotidiano laboral elementos que contribuam para uma adequada carga de trabalho, sem sobre-explorar o trabalhador, pois o desenvolvimento econômico e social somente acontece se os limites dos indivíduos forem respeitados.

O capital é produto do sistema vigente, assim como o materialismo é produto dos homens, no qual a coisificação supera os limites do trabalho vivo, conforme pode ser observado tanto no meio rural como na indústria, sendo esta realidade representada pela busca de uma maior produtividade em ambas as instâncias. Sem uma ressignificação das coisas produzidas pelas ideias ou pelas necessidades, estas serão, então, insuperáveis e dominantes caso os homens não sejam capazes de verificar com maior cuidado os resultados causados por suas criações a quem delas se valer. São observações que a fetichização e o estranhamento das coisas produzidas podem causar ao *modus vivendi* desta parcela aqui estudada e pertencente à sociedade contemporânea que vive do trabalho.

Referências

ANTUNES, Ricardo. ***Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.*** 2ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRUM, Argemiro Luis. ***A comercialização de grãos: o caso da soja.*** Ijuí: Fidene, 1983.

CASTELLS, Manuel. ***A sociedade em rede.*** Paz e Terra: 8.a Ed, 2000.

CRUZ, Roberto Moraes. ***Formação profissional e formação humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade.*** In: *Educação para o (des)emprego (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento).* Aued, Bernadete Wrublewski (Org.a). Ed. Vozes: Petrópolis, 2000.

DAL ROSSO, Sadi. ***Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea.*** São Paulo: Boitempo, 2008.

ENGUIITA, Mariano Fernández. ***Tecnologia e sociedade: a ideologia da racionalidade técnica, a organização de trabalho e a educação.*** In: SILVA, Thomaz T. da. *Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FARIA, José Henrique de. ***Tecnologia e processo de trabalho.*** Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

FURTADO, Celso. ***Formação econômica do Brasil.*** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.

GEHLEN, Ivaldo. ***Território, cidadania e desenvolvimento local sustentável.*** Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/650.pdf>>, 2006. Acesso em 24 Jan. 2012.

GIL, Antônio Carlos. ***Como elaborar projetos de pesquisa.*** 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

KON, Anita. ***Desenvolvimento regional e mercado de trabalho no Brasil***. São Paulo: ABET, 1998.

MARX, Karl. ***O capital***. Vol. I. Tomos 1 e 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

POCHMANN, Marcio. ***Grandes tendências do mercado de trabalho***. In: Emprego e trabalho na agricultura brasileira, 2010. Buainain, Antônio Márcio; Dedecca, Claudio. Disponível em: <<http://www.iica.int>>. Acesso em: 11 Nov. 2011.

_____. ***O emprego na globalização – a nova divisão do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu***. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ROSENFELD, CINARA L. ***Autonomia outorgada e apropriação do trabalho***. Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº 12, jul/dez 2004, p. 202-227. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n12/22261.pdf>>. Acesso em: 24 Mar. 2012.

SCHUMPETER, J. A. ***Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juros e o ciclo econômico***. Tradução de Maria Sílvia Possas. (Os economistas) – São Paulo: Abril Cultural, 1982.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. ***Introdução à pesquisa e ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação***. São Paulo: Atlas, 1987.

Submetido em 20/02/2013.

Aprovado em 27/04/2013.

Sobre o autor

Marcos Paulo Dhein Griebeler

Mestre (2008) e Doutor (2013) em Desenvolvimento Regional - PPGDR, pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. É graduado em Administração de Empresas - Serviços (2004) e possui ainda especialização em Pedagogia Empresarial (2006), ambos pelo Centro Universitário La Salle - Canoas/RS. Atua como professor e coordenador do Curso de Administração, além de ser professor do Mestrado em Desenvolvimento, ambos os cursos estão vinculados ao Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação - DACEC da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí.

Email: marcos.dhein@unijui.edu.br